



## A crise e as alternativas

### CRISE

Pelas piores razões, o termo entrou no quotidiano da maioria dos cidadãos. Carvalho da Silva propõe-se estudá-la, nas suas várias vertentes, e apresentar alternativas à visão estabelecida para superar as dificuldades, porque, como defende o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, "esta política não é a única possível".

### PATROCÍNIOS

O Observatório sobre as Crises e Alternativas (OCA) vai depender financeiramente de um conjunto de empresas, que vão do sector bancário à construção, e de unidades sindicais, entre as quais se encontram o Sindicato dos Enfermeiros e o Sindicato dos Jornalistas. Mas não vai contar com a entrada de sócios.

### ÂMBITOS

O OCA vai actuar em três grandes vectores: a governação e a democracia; o estudo das dinâmicas no mundo do trabalho; as relações entre finança e economia e o modo como afectam a vida das famílias; a actividade das empresas e a evolução da economia portuguesa.

### ACTIVIDADES

A missão passa por dar a conhecer a realidade nacional, dando à análise social produzida uma interpretação diferente. Para cumprir esse objectivo vão ser organizados seminários, conferências e acções de formação. Na vertente académica, a predominância irá para a edição de estudos temáticos, em resultado da investigação desenvolvida, e para a produção de um relatório anual sobre a situação em Portugal.



# Conhecer a crise. Carvalho da Silva apresenta o seu novo observatório

Afastado do sindicalismo activo, Carvalho da Silva tem nova missão: vai ser coordenador do Observatório sobre a Crise e Alternativas

PEDRO RAINHO  
[pedro.rainho@ionline.pt](mailto:pedro.rainho@ionline.pt)

Carvalho da Silva apresentou ontem publicamente aquele que será o novo observatório para o termo mais usado – e menos apreciado dos últimos tempos: a crise.

O Observatório sobre Crises e Alternativas (OCA) foi apresentado no Centro de Informação Urbana, em Lisboa, e contou com a presença do seu coordenador, Carvalho da Silva, que até ao início deste ano era o líder da Intersindical CGTP, mas também de Boaventura de Sousa Santos, sociólogo e director do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, e ainda de Raymond Torres, actual director do Instituto de Estudos Laborais da Organização Internacional do Trabalho.

O observatório surge neste momento, porque, de acordo com Boaventura de Sousa Santos, é necessária "uma alternativa" à forma como os dados oficiais são interpretados pelas instituições de análise social existentes. Uma alternativa que, neste caso, e demarcando-se de outras instituições de estudo e análise social já existentes, passa por uma leitura assumidamente "de esquerda" dos dados disponíveis e dos que vão sendo produzidos.

Boaventura de Sousa Santos esclarece que "domina, em Portugal, neste momento, um certo pensamento único acerca da leitura da crise, que normalmente se concebe como uma crise sistémica, onde os portugueses têm uma grande dose de culpa, por 'viverem acima das suas posses', como se ouve fre-



**Carvalho da Silva deixou a liderança da CGTP, mas não deixa a luta contra a crise. O seu observatório pretende ser uma nova arma**

MÁRIO CRUZ/LUSA

quentemente", diz com ironia. Uma sentença que, na opinião do sociólogo, limita o âmbito de análises e de soluções para contornar a crise. "Desse diagnóstico resulta sempre a mesma solução, que não tem alternativas", e que se traduz na aplicação de "mais austeridade, consolidação orçamental, cortes sociais e redução de custo salariais", explica o sociólogo.

É por isso necessário contrariar a ideia estabelecida de que há só uma solução para contornar as actuais dificuldades económicas, financeiras e sociais com que não só o país mas também a Europa se deparam.

A nortejar o trabalho do OCA vão estar três eixos fundamentais: "a governação e a democracia, o estudo das dinâmicas no mundo do trabalho, as relações entre a finança e economia e o modo como afectam a vida das famílias, a actividade das empresas e a evolução da economia portuguesa".

O OCA vai funcionar nas instalações da Universidade de Coimbra, no âmbito de uma colaboração entre o Centro de Estudos Sociais (CES) daquela universidade e o Instituto para os Estudos Laborais da Organização Mundial do Trabalho.

Financeiramente, Carvalho da Silva vai contar com o apoio de várias empresas e sindicatos, de que fazem parte a "Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, o Montepio, a Kiaya, a Fundação da AIP, a Mota-Engil, os sindicatos do grupo CGD, dos Bancários do Centro, dos Professores da Grande Lisboa, dos Trabalhadores Judiciais, dos Jorna-

listas e dos Enfermeiros".

A instituição inicia "de imediato" a sua actividade, que se traduz na promoção e na organização regular de "seminários, conferências e acções de formação, na edição de estudos temáticos, em resultado da investigação desenvolvida, e na produção de um relatório anual sobre a situação em Portugal".

**DICIONÁRIO SOBRE AS CRISES** Uma das publicações já lançadas pelo OCA é o Dicionário sobre as Crises e as Alternativas. Da obra constam mais de 200 entradas, onde se pretende explicar, tal como num dicionário tradicional, o significado das palavras que o compõem.

A diferença está no enquadramento e na contextualização, mas também no estilo de escrita adoptado. Para a conclusão da obra, que levou dois meses a elaborar, contribuíram, segundo o "Público", 113 investigadores da Universidade de Coimbra, sob a orientação de Ana Cristina Santos, Bruno Sena Martins, João Paulo Dias, João Rodrigues e Margarida Gomes. A revisão técnica esteve a cargo de uma comissão composta por António Sousa Ribeiro, José Castro Caldas, Manuel Carvalho da Silva, Rui Bebianno e Teresa Tavares.

Para estabelecer a ponte entre a investigação que irá desenvolver-se no Observatório sobre as Crises e Alternativas, por um lado, e os cidadãos, por outro, a instituição vai servir-se de um site na internet. Actualmente ainda não está em funcionamento, mas há a garantia de que será um elo de contacto com a sociedade civil.